

Os governos que neste século têm ordenado e tolerado tais missões são os únicos responsáveis pelo sangue derramado; e assim a lição aproveita.

O banimento dos jesuítas **amotinadores** não é a única medida que resolva a questão do dia. Esta nulifica-se, porque apenas fere o indivíduo. O mal deve ser atacado de frente e energicamente, reformando-se a Constituição do Império, pelos trâmites legais, na parte referente à matéria religiosa, de modo a termos já: a separação da Igreja e do Estado; o casamento civil e registro dos nascimentos; a igualdade política, hoje nulificada pelas restrições constitucionais. E, como complemento indispensável, a reforma da instrução pública, fundada na ciência moderna.

Sem a realização destas medidas o Brasil não dará um só passo na senda do progresso.

(A Província de S. Paulo: trabalho estatístico histórico e noticioso destinado à Exposição Industrial de Filadélfia, p. 54/55. Rio de Janeiro, Tip. do Diário do Rio de Janeiro, 1875. Há reedição fac-similar, com intr. de Brasil Bandecchi, São Paulo, Governo do Estado, 1978. Coleção "Paulística", v. 12).

\*

## TEMIÍSTOCLES E A MARINHA ATENIENSE (Robert Flacelière)

Mas era no mar, sobretudo, que Atenas mostrava o seu poderio, pois exerceu, no século V, uma verdadeira **talassocracia**.

E, contudo, ainda no ano de 490 – o ano de Maratona – ela não possuía frota digna de tal nome, como não dispunha igualmente de cavalaria. O homem que se encontra na base da potência naval de Atenas é Temístocles. Compreendeu, sem esperar pelo oráculo da Pítia, o qual revelara que “só uma muralha de madeira seria inexpugnável” que a cidade, para se defender contra a frota de Egina e sobretudo da expedição ameaçadora de Xerxes, tinha necessidade de numerosos navios de guerra. Foi ele quem transformou muitos dos hoplitas atenienses em soldados da marinha e em marinheiros, e tão bem que, mais tarde, o acusaram de ter transformado nobres guerreiros em vis “forçados”. Aproveitando-se da descoberta de um novo filão mais rico nas minas do Láurio, “essa fonte de

prata que a terra encobria”, conseguiu que os atenienses, em vez de dividirem entre si os lucros da exploração — que andavam por cem ou mesmo duzentos talentos — emprestassem aos cem cidadãos mais ricos de entre eles com que construir **trieres**.

Por outro lado, fez com que empreendessem grandes trabalhos no Pireu, que veio, como porto, substituir a má enseada de Falero; as bacias de Zéa e de Muniquia, que deviam servir de arsenais, foram arranjadas e fortificadas. As construções e os preparativos de toda a espécie foram efetuados com tamanha rapidez que, em 480, em Salamina, Atenas pôde alinhar 147 navios de guerra, prontos a fazerem-se ao mar, outros 53, que ficaram provavelmente de reserva, ou seja, uma frota total de 200 trieres. Durante todo o século V, graças aos recursos provenientes do tributo pago pelas vilas dependentes do império ateniense, essa frota aumentaria ainda; nos séculos V e IV, teria entre 300 e 400 trieres, número amplamente capaz de assegurar o domínio de Atenas sobre o mar Egeu e sobre os estreitos.

**(A vida quotidiana dos gregos no século de Péricles, pp. 291/292. Trad. de Virgínia Motta. Lisboa, Edição “Livros do Brasil”, s.d. Col. “A vida quotidiana”, v. 10).**